

DISPONÍVEL NO



# ILUMINADAS

THE SHINING GIRLS

LAUREN  
BEUKES



LAUREN BEUKES

# Iluminadas

TRADUÇÃO DE  
Mauro Pinheiro



Copyright © 2013 Lauren Beukes

TÍTULO ORIGINAL  
The Shining Girls

PREPARAÇÃO  
Clarissa Peixoto

REVISÃO  
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais  
Milena Vargas  
Suelen Lopes  
Thais Entriel

DIAGRAMAÇÃO  
Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA  
HarperCollins Publishers Ltd 2013

LETTERING DE CAPA  
Craig Ward | www.wordsarepictures.co.uk

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Aline Ribeiro | alineribeiro.pt

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

B466i

Beukes, Lauren, 1976-  
Iluminadas / Lauren Beukes ; tradução Mauro Pinheiro. -  
[2. ed.]. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.  
400 p. ; 21 cm.

Tradução de: The shining girls  
ISBN 978-65-5560-475-7

1. Ficção sul-africana. I. Pinheiro, Mauro. II. Título.

22-76382

CDD: 828.99363

CDU: 82-3(680)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

HARPER  
*17 de julho de 1974*

Ele amassa o pônei de plástico laranja dentro do bolso de seu casaco de tweed. A mão está suada. É pleno verão, quente demais para as roupas que está vestindo. Mas ele aprendeu a usar um uniforme para esses casos: calça jeans, em especial. Seus passos são largos; um homem que caminha porque precisa chegar a algum lugar, apesar do pé manco. Harper Curtis não é um vadio. E o tempo não espera por ninguém. Exceto quando quer.

A menina está sentada no chão com as pernas cruzadas; seus joelhos descobertos, brancos e ossudos como o crânio de um pássaro, sujaram-se de grama. Ela ergue a cabeça ao ouvir o som de botas pisando no chão de cascalho — por tempo suficiente apenas para que ele repare que seus olhos são castanhos, sob o emaranhado dos cachos sujos, antes que ela o ignore e volte a se concentrar no que estava fazendo.

Harper fica decepcionado. Ao se aproximar, tinha imaginado que os olhos dela talvez fossem azuis; a cor do lago na sua parte mais profunda, onde o litoral some de vista e parece que você

está no meio do oceano. Marrom é a cor do lodo quando se agita na superfície e não dá para ver droga nenhuma.

— O que você está fazendo? — pergunta ele, tentando dar um tom alegre à voz.

Ele se agacha ao lado dela na grama. Na verdade, nunca viu uma criança com um cabelo tão estranho. Como se ela tivesse sido surpreendida em meio a um redemoinho de poeira que lançasse todo tipo de imundície ao redor. Um monte de latas enferrujadas, uma roda quebrada de bicicleta largada a seu lado com os raios espetados para fora. Sua atenção está voltada para uma xícara rachada, emborcada de forma que as flores prateadas da borda ficam ocultas pela grama. A alça está quebrada, sobram apenas dois tocos ásperos.

— Está na hora do chá, querida? — Ele tenta outra vez.

— Não está na hora do chá — murmura ela, a boca sob a gola em formato de pétalas de sua camisa xadrez.

Crianças sardentas não deviam ser tão sérias. Não combina com elas.

— Tudo bem — diz ele. — De qualquer maneira, eu prefiro café. Posso tomar uma xícara, senhora? Café puro com três torrões de açúcar? — Ele tenta pegar a xícara de porcelana rachada e a menina grita, dando-lhe um tapa na mão. Um zumbido intenso e irritado escapa de debaixo da xícara emborcada.

— Nossa! O que tem aí dentro?

— Não é hora do chá! Aqui é um circo!

— É mesmo? — Ele abre um sorriso bobo de quem não se leva muito a sério. Mas sua mão arde no local em que ela bateu.

Ela o observa, desconfiada. Não quanto a quem ele possa ser ou o que poderá lhe fazer. Mas porque se irrita ao ver que ele não entende. Olhando cautelosamente ao redor, ele começa a compreender: seu circo caindo aos pedaços. O picadeiro traçado com os dedos na terra, uma corda bamba feita a partir de um canudinho amassado estendido entre duas latas

de refrigerante, a roda-gigante é a roda empenada da bicicleta, parcialmente apoiada contra um arbusto com uma pedra para mantê-la no lugar, e pessoas de papel retiradas de uma revista amontoadas entre dois raios da roda.

Não lhe escapa o fato de que a pedra que servia de apoio cabe perfeitamente em sua mão. Ou como poderia, sem dificuldades, enfiar um daqueles aros bem no meio dos olhos da menina, como se fossem de gelatina. Ele aperta forte o pônei de plástico no bolso. O zumbido furioso vindo de dentro da xícara tem a mesma vibração que pode sentir ao longo das vértebras, descendo até a virilha.

A xícara se mexe e a garota a retém com a mão.

— Uau! — Ela começa a rir, quebrando o encanto.

— Uau, mesmo. Tem um leão aí dentro? — Ele a cutuca no ombro e ela esboça um sorriso, um breve sorriso. — Você é domadora de animais? Vai fazer ele saltar em círculos de fogo?

Ela sorri outra vez e as sardas sobem pelas maçãs rosadas do rosto, revelando dentes muito brancos.

— Nada disso, Rachel disse que eu não posso brincar com fósforos. Não depois do que aconteceu da última vez.

Ela tem um dente canino torto, parcialmente sobreposto ao incisivo. E o sorriso compensa amplamente os olhos castanhos como água estagnada, porque agora ele pode ver o brilho por trás deles. Isso lhe provoca uma sensação de angústia. E ele lamenta por ter duvidado da Casa. É ela mesmo. Uma delas. Suas garotas iluminadas.

— Meu nome é Harper — diz ele, ofegante, estendendo a mão em sua direção. Ela precisa trocar de mão para poder manter a xícara no lugar.

— Você é um estranho?

— Agora não sou mais, certo?

— Eu me chamo Kirby. Kirby Mazrachi. Mas vou trocar para Lori Star quando tiver idade para isso.

— Quando você for para Hollywood?

Ela arrasta a xícara para bem perto, levando o inseto preso ali a um novo nível de ultraje, e ele se dá conta de que cometeu um erro.

— Tem certeza de que você não é um estranho?

— Estou falando do circo, sabe? O que Lori Star vai fazer? Saltar num trapézio? Montar num elefante? Ser uma palhaça?

— Ele passa o dedo indicador sobre o lábio superior da menina.

— A mulher de bigode?

— Nãoooooo. — Ela reage sorrindo, para seu alívio.

— Domadora de leões? Lançadora de facas? Engolidora de fogo?

— Vou ser equilibrista. Estou treinando. Quer ver? — Ela começa a se levantar.

— Não, espere — diz ele, em repentino desespero. — Posso ver seu leão?

— Não é um leão de verdade.

— Isso é o que você diz.

— Tudo bem, mas você precisa ser muito cuidadoso. Não quero que ele fuja voando.

Ela dá uma leve inclinada na xícara. Ele abaixa a cabeça até o chão, forçando a vista. O odor de grama amassada e terra escura é reconfortante. Alguma coisa está se movendo sob a xícara. Pernas peludas, relances de amarelo e preto. As antenas surgem pela brecha. Kirby se sobressalta e abaixa a xícara bruscamente.

— É uma senhora abelha — diz ele, sentando-se de novo.

— Eu sei. — Ela está orgulhosa de si mesma.

— Você a deixou bem irritada.

— Acho que ela não quer fazer parte do circo.

— Posso mostrar uma coisa para você? Mas precisa confiar em mim.

— O que é?

— Você quer uma equilibrista para a corda bamba?

— Não, eu...

Mas ele já havia levantado a xícara e pegado a abelha agitada, prendendo-a com a mão. Quando arranca as asas, o som abafado é igual ao do talo de uma cereja estragada sendo retirado, como aquelas que ele tinha passado uma temporada colhendo em Rapid City. Ele andara por todos os cantos do maldito país, caçando trabalho como uma cadela no cio. Até encontrar a Casa.

— O que está fazendo? — grita ela.

— Agora, só precisamos de um pouco de papel mata-moscas para estender entre as duas latinhas. Um inseto velho e grande como este deve ser capaz de soltar as patas, mas o papel é grudento o bastante para impedir que ele caia. Você tem papel mata-moscas?

Ele põe a abelha sobre a borda da xícara. O inseto se agarra à extremidade.

— Por que você fez isso? — Ela bate no braço dele, uma série de tapas com a mão aberta.

Isso o deixa confuso.

— Não estamos brincando de circo?

— Você estragou tudo! Vá embora! Vá embora, vá embora, vá embora. — Ela repete sem parar, no ritmo de cada tapa, como se fosse um mantra.

— Pare! Pare com isso! — diz ele rindo, mas ela continua batendo, até que ele segura a mão dela. — Estou falando sério. Pare com essa porra agora, mocinha.

— Não fale palavrão! — protesta ela aos berros e logo cai no choro.

Isso não está saindo como ele planejou, se é que ele consegue planejar algum desses primeiros encontros. A imprevisibilidade das crianças o cansa. É por essa razão que ele não gosta de meninas, é por isso que espera até que cresçam. Mais tarde, a história será diferente.

— Tudo bem, sinto muito. Não chore, está bem? Tenho uma coisa para você. Por favor, não chore. Olhe.

No desespero, ele pega o pônei laranja, ou pelo menos tenta. A cabecinha ficou presa no bolso e é preciso arrancá-la.

— Aqui está.

Ele o empurra na direção dela, desejando que a menina o pegue. Um dos objetos capazes de conectar tudo. Foi por isso mesmo que o trouxe? Por um breve instante, é tomado pela incerteza.

— O que é isso?

— Um pônei, não está vendo? Um pônei não é melhor do que uma abelha boba e grande?

— Ele não está vivo.

— Eu sei disso. Mas que saco! Apenas fique com ele, está bem? É um presente.

— Eu não quero isso — diz ela, começando a fungar.

— Tudo bem, não é um presente, é um depósito. Você o guarda em segurança para mim. Como o banco faz quando você deixa seu dinheiro lá.

O sol começa a baixar. Faz calor demais para usar casaco. Ele mal consegue se concentrar. Só quer que aquilo acabe. A abelha cai da xícara e fica de cabeça para baixo, com as patas se agitando no ar.

— Acho que concordo.

Isso já o deixa mais calmo. Tudo está como deveria.

— Agora, guarde-o em segurança, está bem? É muito importante. Eu volto para pegá-lo. Está entendendo?

— Por quê?

— Porque preciso dele. Quantos anos você tem?

— Seis anos e nove meses. Quase sete.

— Isso é ótimo. De verdade. É isso aí. Girando, girando, como sua roda-gigante. Volto a ver você quando estiver crescida. Tome cuidado, está bem, minha querida? Eu voltarei.

Ele se levanta, limpa as mãos na calça. Depois se vira e sai andando rápido, sem olhar para trás, mancando discretamente. Ela o observa atravessar a rua e seguir em direção à ferrovia, até desaparecer atrás das árvores. Então olha para o brinquedo de plástico, úmido por causa das mãos dele, e grita:

— Ah, é? Mas eu não quero esse cavalo idiota!

Ela o lança ao chão e ele ricocheteia uma vez, indo parar ao lado da roda-gigante. Os olhos pintados e inexpressivos do pônei fixam a abelha, que agora está na posição certa e se arrasta sobre a terra, afastando-se.

Mas ela vai pegá-la mais tarde. Claro que vai.

HARPER

*20 de novembro de 1931*

A areia cede sob seus pés, mas não é areia, é lama gelada e asquerosa que atravessa os sapatos e encharca as meias. Harper pragueja em voz baixa, pois não quer que os homens o ouçam. Estão gritando uns com os outros no escuro: “Você o viu? Você o pegou?” Se a água não estivesse tão gelada, ele se arriscaria a nadar para escapar. Mas já está tremendo bastante por causa do vento soprando do lago, que o enregela e atormenta ao atravessar sua camisa; abandonou o casaco no bar clandestino, coberto com o sangue daquele borra-botas.

Ele avança com dificuldades até a margem, encontrando um atalho entre o lixo e as madeiras podres, o lodo sugando cada passo seu. Agacha-se atrás de um barraco à beira d’água, feito a partir de embalagens presas com papelão de alcatrão. A luz do poste se infiltra através das fendas e das brechas entre o papelão, fazendo tudo brilhar. Ele não entende por que as pessoas constroem barracos tão perto do lago, como se achassem que o pior já aconteceu e nada mais fosse se degradar. Como se as pessoas

não continuassem defecando nos baixios. Como se a água não fosse transbordar com as chuvas e todo o maldito e fedorento cortiço de Hooverville não pudesse ser arrastado para longe. A morada dos homens esquecidos, a desgraça infiltrada em seus ossos. Ninguém sentiria falta deles. Assim como ninguém sentiria falta daquela porra do Jimmy Grebe.

Ele não estava esperando que Jimmy reagisse daquele jeito. Não teria chegado àquele ponto se o canalha tivesse optado por uma luta limpa. Mas ele era gordo, estava bêbado e desesperado. Incapaz de acertar um soco, partiu para os testículos de Harper. E ele pôde sentir os dedos grossos do filho da puta agarrarem sua calça. Se um homem quer brigar de modo desleal, é preciso ser ainda mais desleal com ele. Não era culpa de Harper se o caco de vidro cortou uma artéria. Ele estava visando o rosto.

Nada disso teria acontecido se aquele tuberculoso imundo não tivesse tossido em cima das cartas. Grebe limpou o escarro sanguinolento com a manga da camisa, certo, mas todo mundo sabia que ele tinha uma doença devastadora e estava contagiando o próprio lenço. Enfermidade e ruína, os nervos despedaçados dos homens. É o fim dos Estados Unidos da América.

Tente dizer isso ao “prefeito” Klayton e seu bando de vigilantes sacanas, todos pomposos, como se o lugar lhes pertencesse. Mas aqui não existe lei. Assim como não existe dinheiro. Ou respeito por si mesmo. Os sinais são visíveis; não só aqueles em que se lê “obra embargada”. Vamos encarar as coisas como elas são, ele pensa, o país sabia que isso ia acontecer.

Uma faixa de luz pálida varre a praia, demorando-se nas marcas de seus rastros pela lama. Mas então uma lanterna se move iluminando outra direção, e a porta do barraco se abre, derramando luz lá fora. Uma mulher muito magra aparece, seu rosto está contorcido e cinzento sob a luz do querosene, como o de todo mundo por ali, como se as tempestades de poeira pudessem

varrer todos os vestígios do caráter das pessoas, assim como suas colheitas.

Ela está usando um casaco de tweed escuro três vezes maior que ela, o tecido envolve seus ombros esqueléticos como um xale. Lã grossa. Parece aconchegante. Ele sabe que irá tomá-la dela mesmo antes de se dar conta de que a mulher é cega. Seus olhos inexpressivos. O hálito de repolho e os dentes pútridos. Ela estende a mão para tocá-lo.

— O que é isso? — pergunta ela. — Por que estão gritando?

— Cães raivosos — responde Harper. — Eles estão caçando. A senhora deveria voltar para dentro.

Ele poderia pegar o casaco dela e ir embora. Mas ela poderia berrar. Reagir.

A mulher segura a camisa dele.

— Espere — diz ela. — É você? É você, Bartek?

— Não, senhora. Não sou eu. — Ele tenta afastar os dedos dela. A voz da mulher parece tomada pela urgência. Do tipo que chama a atenção.

— É você. Tem que ser você. Disseram que você viria. — Ela está quase histérica. — Disseram que você viria...

— Calma, está tudo bem — responde Harper.

Sem o menor esforço, ele consegue esticar o braço e agarrar o pescoço dela, empurrando-a para trás com o peso do corpo. Só para acalmá-la, diz a si mesmo. É difícil berrar com a traqueia apertada. Os lábios projetados para fora. Os olhos esbugalhados. A garganta dela incha, num protesto. As mãos da mulher agarram com força a camisa dele, como se ela estivesse torcendo roupas, mas logo depois seus dedos de ossos frágeis se soltam e ela se inclina contra a parede. Ele se curva com ela, ajudando-a a sentar-se devagar, enquanto remove o casaco de seus ombros.

Um menino o observa do lado de fora do barraco, os olhos tão arregalados que parecem capazes de engoli-lo por completo.

— O que você está olhando? — Harper repreende o menino, vestindo o casaco. É grande demais para ele, mas não importa. Alguma coisa chocalha no bolso. Moedas, se tiver sorte. Mas acabará sendo bem mais que isso.

— Entre e vá buscar água para sua mãe. Ela está mal.

O menino o encara e, depois, sem mudar de expressão, abre a boca e solta um berro assustador, atraindo as malditas lanternas. Os fachos de luz varam a porta e recaem sobre a mulher estendida no chão, mas Harper já saiu correndo. Um dos companheiros de Klayton, ou quem sabe até mesmo o autoproclamado prefeito, grita.

— Ali!

E os outros homens se precipitam para a praia atrás dele.

Ele atravessa o labirinto de tendas e barracos montados desordenadamente, apoiados uns sobre os outros, sem sequer terem espaço para que um carrinho de mão passe entre eles. Insetos têm mais juízo, ele pensa ao desviar na direção da Randolph Street.

Ele não espera que as pessoas ajam como cupins.

Pisando sobre uma lona, ele cai dentro de um poço da largura de uma caixa de piano escavado na terra, porém bem mais profundo, onde alguém instalou um simulacro de casa e simplesmente pregou um toldo por cima.

A queda é brutal, seu calcanhar esquerdo bate contra o estrado de uma cama de madeira com um som metálico, como o de uma corda de violão que arrebenta. O tombo o faz esbarrar na ponta de um fogão improvisado, que se choca contra seu peito, deixando-o sem ar. Parece que uma bala atravessou seu tornozelo, embora não tenha ouvido tiro algum. É incapaz de recuperar o fôlego para gritar e acaba ficando imerso sob a lona que caiu por cima dele.

Eles o encontram ali, debatendo-se com o tecido e maldizendo o canalha que não teve o material ou a habilidade para cons-

truir um barraco decente. Os homens se reúnem no alto do buraco, silhuetas malévolas atrás do foco de suas lanternas.

— Você não pode vir aqui e fazer o que bem entender — diz Klayton, em seu tom de pregação dominical.

Harper, enfim, consegue voltar a respirar. Cada inalação dói como um ponto de sutura em seu flanco. Com certeza quebrou uma costela, e algo pior aconteceu com seu pé.

— Você precisa respeitar seu vizinho e seu vizinho deve respeitar você — continua Klayton.

Harper já o ouviu dizer essa frase nas reuniões comunitárias, falando sobre como eles precisavam se esforçar e se relacionar bem com os comerciantes locais. Os mesmos que mandavam as autoridades colarem avisos de advertência em todos os barracos e cabanas, informando que tinham sete dias para desocupar o terreno.

— É difícil ter respeito quando se está morto. — Harper ri, embora na verdade o som se pareça mais com um arquejo e o faça sentir uma dor terrível. Ele pensava que pudessem estar empunhando espingardas, mas isso parece improvável, e somente quando uma das lanternas se afasta de seus olhos ele vê que estão armados com canos e martelos. A dor volta a se abater sobre ele.

— Você deveria me entregar para os homens da lei — diz ele, esperançoso.

— Não — responde Klayton. — Eles não têm nada a fazer aqui. — Ele move sua lanterna. — Tirem o homem daí, rapazes. Antes que o chinês Eng volte para seu buraco e encontre esse lixo ocupando o lugar.

E, então, mais um indício, claro como o dia que começa a surgir no horizonte além da ponte. Antes que os cretinos acatem as ordens de Klayton e comecem a descer os três metros para pegá-lo, começa a chover, gotas finas, frias e cortantes. E ouvem-se berros do outro lado do terreno.

— Polícia! É uma batida!

Klayton se vira e argumenta com seus homens. Parecem hienas com seu balbucio e seus gestos, até que um jato flamejante arde em meio à chuva, iluminando o céu e pondo fim à conversa deles.

— Ei, não mexa nisso... — Um grito é ouvido da direção da Randolph Street. Seguido por outro. — Eles têm querosene!

— O que você está esperando? — pergunta Harper, calmamente, sob a chuva e a gritaria.

— Não saia daí. — Klayton aponta seu cano contra ele enquanto os outros vultos se dispersam. — Ainda não terminamos com você.

Harper se arrasta sobre os cotovelos. Depois de se inclinar para a frente, ele agarra um pedaço de lona ainda preso a um prego no alto e o puxa, temendo o inevitável, mas ele resiste.

Lá em cima, pode distinguir o tom ditatorial da voz do prefeito sobre a confusão, berrando com alguém que não dá para ver.

— Vocês têm um mandado judicial para isso? Acham que podem simplesmente vir até aqui e incendiar as casas das pessoas, depois de já termos perdido tudo?

Harper segura uma dobra espessa do tecido e consegue se içar. Seu tornozelo bate contra a parede de terra e um relâmpago de dor, celestialmente brilhante, ofusca sua vista. Sente vontade de vomitar e tosse, cuspidando um longo catarro tingido de sangue. Ele se segura na lona, piscando sem parar, com manchas negras brotando em sua visão, até conseguir enxergar outra vez.

A lona protesta com um agourento som de fragilidade, ameaçando deixá-lo tombar novamente no maldito buraco. Mas o encerado resiste e ele consegue sair dali, sem sequer se importar com os pregos arranhando seu peito.

Ele fica ali deitado, com o rosto na lama, a chuva tamborilando contra seu corpo. Os gritos se afastaram, embora ainda haja fumaça no ar e a luz de meia dúzia de incêndios se mescle ao alvorecer cinzento. Um fragmento de música se propaga pela

madrugada, escapando talvez de uma das janelas dos apartamentos em que moradores se divertem com a manifestação.

Harper se arrasta de bruços pelo lodaçal, a dor faz surgir luzes chamejantes dentro de seu crânio — talvez até sejam reais. Ele encontra um pedaço pesado de madeira do tamanho certo para se apoiar e consegue se erguer, começando a mancar.

Seu pé esquerdo está imprestável, e ele o arrasta, mas continua avançando em meio à chuva e à escuridão, afastando-se do cortiço em chamas.

Tudo tem uma razão para acontecer. É porque ele é obrigado a partir que acaba encontrando a Casa. É porque ele pegou o casaco que agora tem a chave.

KIRBY

*18 de julho de 1974*

É aquela hora da manhã bem cedo, quando a escuridão parece densa; os trens pararam de circular e o trânsito diminuiu gradualmente, mas os pássaros ainda não começaram a cantar. A noite foi escaldante. Aquele tipo de calor grudento que atrai todos os insetos. Mariposas e outras traças voadoras atingem as lâmpadas da varanda num ritmo irregular. Um mosquito zumbe próximo ao teto.

Kirby está na cama, acordada, afagando a crina de náilon do pônei e escutando o silêncio da casa vazia, gemendo como um estômago faminto. “Está na mesa”, grita Rachel. Mas Rachel não está lá. E é tarde, ou cedo, e Kirby não comeu nada desde aqueles cereais estragados, há muito tempo, e pode escutar sons que nada têm a ver com uma mesa sendo posta.

Kirby sussurra para o pônei: “É uma casa velha. Foi só o vento.” Exceto que a porta da varanda está trancada e não deveria bater. As madeiras do piso não deviam estalar como se estivessem sob o peso de um ladrão avançando com cuidado

até seu quarto, carregando um saco preto para enfiá-la nele e levá-la para longe. Ou talvez seja a boneca viva da série de terror da TV, que ela não deveria assistir, andando na ponta de seus pés de plástico.

Kirby se livra dos lençóis. “Vou ver o que é, está bem?”, ela diz ao pônei, porque a ideia de aguardar que o monstro venha é insuportável. Na ponta dos pés, ela se aproxima da porta, com flores exóticas e sinuosas trepadeiras pintadas pela mãe quando se mudaram, quatro meses antes, e prepara-se para batê-la contra qualquer pessoa (ou coisa) que suba pela escada.

Ela se põe atrás da porta como quem usa um escudo, os ouvidos atentos, raspando com os dedos a textura áspera da tinta. Já arrancou um pedaço do lírio da porta. A ponta de seus dedos está formigando. O silêncio ressoa em sua cabeça.

— Rachel? — sussurra Kirby, muito baixo para que, além do pônei, alguém possa ouvir.

Uma batida, bem perto dela, seguida de um baque e do som de algo se quebrando.

— Merda!

— Rachel! — chama Kirby, um pouco mais alto. Seu coração pulsa no ritmo de um trem.

Segue-se uma longa pausa. E, então, a voz da mãe:

— Volte para a cama, Kirby, estou bem.

Kirby sabe que ela não está nada bem, mas pelo menos não é a boneca falante e assassina.

Ela para de arrancar a tinta e segue até o corredor, desviando dos cacos de vidro que parecem diamantes espalhados entre as rosas mortas, folhas murchas e pétalas esponjosas dentro de uma poça de água suja do vaso. A porta foi deixada entreaberta para ela.

A cada vez que se mudam, a casa é mais velha e miserável que a anterior, embora Rachel pinte as portas e os armários, e algumas vezes até o chão, para se sentirem mais à vontade. Elas es-

colhem juntas as ilustrações no grande livro de arte cinzento de Rachel: tigres, unicórnios, santos ou moças negras com flores no cabelo. Kirby usa os quadros para se lembrar de onde elas estão. *Esta casa tem os relógios que derretem na cozinha, em cima do fogão, o que significa que a geladeira fica à esquerda e o banheiro, sob a escada. Mas, embora a disposição de cada casa seja diferente, e às vezes elas tenham um pátio, em geral o quarto de Kirby tem um armário e, quando tem sorte, prateleiras; o quarto de Rachel é o único a permanecer igual.*

Ela gosta de pensar nele como o discreto tesouro de um pirata. (Não é discreto, é secreto, sua mãe a corrige, mas Kirby o imagina como uma baía misteriosa e mágica, na qual se pode chegar, se tiver sorte e o mapa for exato.)

Vestidos e xales espalham-se pelo quarto como se fossem obra de uma princesa cigana e pirata num acesso de raiva. Uma coleção de bijuterias pendurada nos arabescos de um espelho oval é a primeira coisa que Rachel instala sempre que se mudam para um novo lar, inevitavelmente machucando o dedo com o martelo. Às vezes se fantasiam, e Rachel cobre Kirby com todas as pulseiras e tecidos e a chama de “minha pequena árvore de Natal”, muito embora sejam judias, ou metade judias.

Há um ornamento de vidro colorido pendendo da janela que lança um arco-íris de tonalidades no cômodo sob o sol vespertino, iluminando a mesa empenada de Rachel e os desenhos nos quais está trabalhando.

Quando Kirby era bebê e elas ainda moravam na cidade, Rachel colocava o cercadinho em volta de sua mesa, assim Kirby podia engatinhar pelo aposento sem incomodá-la. Ela costumava fazer desenhos para revistas femininas, mas agora “meu estilo está fora de moda, querida. O mercado é inconstante”. Kirby gosta do som da palavra. *Inconstante, estante, instante, restante.* E gosta de ver o desenho que a mãe fez da garçõete piscando e equilibrando duas pilhas de panquecas com

manteiga escorrendo, quando elas passam pela Doris's Pancake House, na esquina.

Mas o ornamento de vidro está frio e morto agora, e o abajur ao lado da cama foi coberto por um lenço amarelo, o que dá um ar doentio ao quarto. Rachel está deitada na cama com um travesseiro sobre o rosto, ainda totalmente vestida, de sapatos e tudo o mais. Seu peito arfa sob o vestido de renda preto, como se estivesse com soluços. Kirby para na soleira da porta, desejando que a mãe note sua presença. Sua cabeça parece estar entupida de palavras que não sabe como dizer.

— Seus sapatos estão em cima da cama. — É tudo o que consegue falar.

Rachel ergue o travesseiro do rosto e olha para a filha com olhos inchados. Sua maquiagem deixou uma mancha preta no travesseiro.

— Sinto muito, querida — diz ela com um sorriso que mostra os dentes.

“Dentes” faz Kirby pensar em dentes lascados, que foi o que aconteceu com Melanie Ottesen quando ela caiu da corda à qual se segurava. Ou copos lascados, nos quais não é mais seguro beber água.

— Você precisa tirar os sapatos!

— Eu sei, meu amor — suspira Rachel. — Não precisa gritar. — Ela retira os sapatos de salto com os dedos dos pés e os deixa cair no chão. Em seguida, deita-se de bruços. — Você pode coçar minhas costas?

Kirby sobe na cama e senta-se com as pernas cruzadas. O cabelo da mãe recende a cigarro. Ela percorre com as unhas os desenhos ondulados da renda.

— Por que você está chorando?

— Não estou chorando de verdade.

— Está sim.

A mãe suspira.

— É só aquele período do mês, só isso.

— É o que você sempre diz. — Kirby fica aborrecida, mas depois, como se tivesse refletido bem, continua: — Eu tenho um pônei.

— Não tenho como comprar um pônei para você. — A voz de Rachel soa distraída.

— Não, eu já tenho um pônei — reage Kirby, exasperada. — É laranja. Tem borboletas no rabo e olhos castanhos, pelo louro e... parece que está um pouco tonto.

Sua mãe olha para ela sobre o ombro, assustada com o que ouve.

— Kirby! Você roubou alguma coisa?

— Não! Foi um presente. Eu nem queria.

— Então, está bem.

Sua mãe esfrega os olhos com o dorso da mão, deixando neles uma mancha semelhante a uma máscara de ladrão.

— Então, posso ficar com ele?

— Claro que pode. Você pode fazer quase tudo o que quiser. Especialmente com presentes. Até mesmo quebrá-los em milhões de pedaços.

Como o vaso no corredor, pensa Kirby.

— Ok — diz ela, séria. — Seu cabelo está com um cheiro estranho.

— Olhe só quem está falando! — O riso da mãe é como um arco-íris espalhando cores dentro do quarto. — Quando foi a última vez que você lavou o seu?

HARPER  
*22 de novembro de 1931*

O Hospital da Misericórdia não merece esse nome.

— Você pode pagar? — pergunta a mulher com aparência exausta na recepção, através de uma pequena abertura no vidro.

— Pacientes pagantes ficam na frente da fila.

— Quanto tempo é preciso esperar? — indaga Harper.

A mulher inclina a cabeça na direção da sala de espera. Não resta lugar para sentar. Há pessoas agachadas ou deitadas no chão, muito doentes ou muito cansadas para aguardarem em pé. Um olham para cima, esperançosas ou irritadas, ou com alguma mistura insustentável das duas coisas estampada no rosto. O restante tem o mesmo ar de resignação daqueles cavalos de tração com as costelas tão pronunciadas quanto as estrias e os sulcos na terra escura pela qual arrastam o arado. Um cavalo assim é melhor sacrificar.

Ele vasculha o bolso do casaco roubado em busca da nota amassada de cinco dólares que achou ali dentro, junto com um alfinete, três moedas de dez centavos, duas de vinte e cinco e uma

chave, usada e com aparência familiar. Ou talvez ele tenha se acostumado com aquele aspecto desgastado.

— Isso basta para a *misericórdia*, querida? — pergunta ele, enfiando a nota pela pequena abertura no vidro.

— Basta.

Ela sustenta seu olhar a fim de deixar claro que não tem vergonha de cobrar, muito embora o ato em si diga o contrário.

Ela toca uma campainha e uma enfermeira vem buscá-lo, os tamancos de borracha estalando no chão de linóleo. E. Kappel é o nome escrito no seu crachá. É bonita, dentro do padrão estético comum, bochechas rosadas, os cachos avermelhados bem cuidados escapando sob a touca branca. Exceto pelo nariz, que é demasiadamente arrebitado, dando-lhe a aparência de um focinho. Como uma porquinha, ele pensa.

— Venha comigo — diz ela, irritada com a presença dele. Já catalogando-o com tantos outros integrantes da escória humana.

Virando-se, ela sai andando rápido e ele precisa apressar-se para acompanhá-la. A cada passo, sente uma fisgada forte nos quadris, mas está determinado a seguir em frente.

Cada setor que atravessam está no limite da capacidade, às vezes há duas pessoas num só leito, deitadas de forma invertida. Todas aquelas doenças se espalhando.

Os hospitais de campanha são ainda piores, ele pensa. Homens dilacerados empilhados em macas ensanguentadas em meio ao fedor de queimaduras e feridas pútridas, merda, vômitos e suores rançosos de febre. Os gemidos incessantes como um coral macabro.

Volta a lembrar daquele rapaz do Missouri, com sua perna mutilada. Ele não parava de berrar, impedindo a todos de dormir, até Harper se esgueirar para perto dele, como se quisesse reconfortá-lo. Mas o que fez de fato foi enfiar sua baioneta na coxa do imbecil, acima da carne destroçada e sangrenta; depois, com precisão, torceu-a, seccionando a artéria. Exatamente como

praticara nos bonecos de palha dos treinamentos. Perfure e torça. Um ferimento nas entranhas sempre acaba por derrubar um homem. Harper sempre considerou esse método mais pessoal do que baleiar alguém, preferindo ir direto para cima. Isso tornava a guerra mais suportável.

Nenhuma chance de isso acontecer ali, ele supõe. Mas existem outras maneiras de se livrar de pacientes problemáticos.

— Vocês deviam usar aquela garrafinha preta com uma caveira no rótulo — diz Harper para irritar a enfermeira bochechuda. — Não agradecer muito por isso.

Ela faz uma expressão de desprezo e entra pela porta que leva às enfermarias particulares, quartos limpos para um só paciente, em sua maioria vazios.

— Não me provoque. Este hospital se transformou num asilo pestilento. Tifo, infecções. Um veneno seria uma bênção. Mas não deixe os cirurgiões ouvirem você falar sobre garrafinha preta.

Através de uma porta aberta, ele vê uma moça deitada na cama cercada de flores. Parece uma estrela de cinema, ainda que faça mais de uma década que Charles Chaplin tenha trocado Chicago pela Califórnia, levando consigo toda a indústria cinematográfica. O cabelo da moça está molhado de suor, com os cachos úmidos e louros envolvendo seu rosto, ainda mais pálido por conta da luminosidade lívida do inverno que invade as janelas. Enquanto ele hesita, no corredor, os olhos dela se abrem um pouco. Ela se senta parcialmente no leito e lhe lança um sorriso radiante, como se o estivesse esperando, como se ele fosse bem-vindo se quisesse sentar-se a seu lado e conversar um pouco.

A enfermeira Kappel não quer saber de nada disso. Conduzindo-o pelo cotovelo, ela o afasta dali.

— Não é hora de ficar aí, babando. A última coisa que essa danada precisa é de mais um admirador.

— Quem é ela? — Ele olha para trás.

— Ninguém. Uma moça que dança nua. A idiota, coitada, se envenenou ingerindo rádio. Ela usa essa substância química no corpo durante as apresentações, para brilhar no escuro. Não se preocupe, ela vai ter alta em breve e você vai poder vê-la quando quiser. *Vê-la por inteiro*, pelo que ouvi dizer.

Ela o apressa até a porta do consultório médico, cujas paredes são de um branco cintilante e dolorosamente antisséptico.

— Agora, sente-se aí e vamos ver como você se machucou.

Ele sobe desajeitadamente sobre a mesa de exame. Ela contorce o rosto em intensa concentração, cortando os trapos imundos que ele amarrou em torno do calcanhar, firme como um estribo, para suportar a dor.

— Você é meio estúpido, sabia? — O sorrisinho no canto de sua boca mostra que ela sabe que pode se sair melhor falando com ele desse jeito. — Por que esperou tanto para vir até aqui? Achou que isso iria melhorar sozinho?

Ela tem razão. Não ajudava nada o fato de ter dormido ao relento nas duas noites anteriores, acampando à soleira das portas, deitado em cima de um papelão e usando um casaco roubado como cobertor, porque não é possível voltar para seu barraco; Klayton e seus patetas podem estar esperando por ele com pedaços de cano e martelos nas mãos.

As lâminas límpidas da tesoura vão cortando o pano amarrado, que deixou marcas brancas em seu pé inchado como um presunto assado. E agora, quem é o porquinho? A maior estupidez, ele pensa amargurado, é lutar uma guerra e voltar sem sequer um trauma permanente, e, depois, ficar aleijado por cair dentro de um buraco que servia de esconderijo para um vagabundo.

O médico irrompe na sala, um homem mais velho com uma barriga avantajada, o cabelo grisalho eriçado sobre as orelhas, feito uma juba.

— E qual é a queixa hoje, senhor? — A pergunta não é menos paternalista do que o sorriso que a acompanha.

— Por incrível que pareça, eu não estava dançando numa boate.

— E tampouco poderá fazê-lo tão cedo, pelo visto — diz o médico, ainda sorrindo, enquanto levanta o pé inchado e tenta flexioná-lo com as mãos. Ele se esquivava habilmente, de forma muito profissional, quando Harper urra de dor e quase lhe acerta um chute.

— Faça isso outra vez, camarada, e pode ter certeza de que vai ganhar um murro na orelha — diz o médico, forçando um sorriso. — Pagando a consulta ou não.

Agora, quando o médico flexiona duas vezes o pé para cima e para baixo, Harper trinca os dentes e cerra os punhos para se conter.

— Você consegue mover seu dedão sozinho? — pergunta o médico, observando com atenção. — Ótimo. É um bom sinal. Melhor do que pensei. Muito bem. Você está vendo? — diz ele, dirigindo-se à enfermeira, apertando os dedos contra o recuo acima do calcanhar e arrancando um gemido de Harper. — É aqui que o tendão devia se conectar.

— Pois é — concorda a enfermeira, tocando no seu pé. — Dá para sentir.

— O que isso quer dizer? — pergunta Harper.

— Quer dizer que você precisaria passar alguns meses deitado num leito de hospital, camarada. Mas tenho o palpite de que isso não está a seu alcance.

— A menos que seja de graça.

— Ou que tenha patrocinadores preocupados, prontos a financiar sua convalescença, como a moça que ingeriu rádio. — O médico dá uma piscadela. — Podemos também engessar seu pé e deixá-lo ir embora com uma muleta. Mas um tendão rompido não se cura sozinho. Vai precisar ficar pelo menos seis semanas sem botar o pé no chão. Posso recomendar um sapateiro que é especialista em calçados médicos. Ele poderá elevar o calcanhar, o que ajudará um pouco.

— Como é que vou fazer isso? Tenho que trabalhar. — Harper se irrita com o tom choroso da própria voz.

— Todos estamos passando por dificuldades financeiras, Sr. Harper. Vá falar com o pessoal da administração do hospital. Tente fazer o que for possível. — Ele se cala, pensa um pouco e pergunta. — Acho que o senhor não tem sífilis, tem?

— Não.

— Que pena! Estão iniciando uma pesquisa no Alabama que poderia pagar todos os procedimentos médicos, se você fosse sifilítico. Se bem que também seria preciso ser negro.

— Não. Também não sou negro.

— Sinto muito — diz o médico, dando de ombros.

— Vou poder andar?

— Claro que sim. Mas, em seu lugar, eu não começaria a dançar ao primeiro acorde de uma música de Gershwin.

Harper sai mancando do hospital, o tronco enfaixado, o pé no gesso, seu sangue repleto de morfina. Ele enfia a mão no bolso para ver quanto dinheiro lhe resta. Dois dólares e uns trocados. Mas, então, seus dedos tocam a chave denteada e algo é acionado em sua cabeça, como um interruptor. Talvez sejam os remédios. Ou talvez algo que sempre esteve esperando por ele.

Jamais havia notado o zumbido dos postes de luz, uma baixa frequência que vem se alojar atrás de seus globos oculares. E embora seja de tarde e as luzes estejam apagadas, elas parecem acender quando ele passa. O zumbido para até ele alcançar o poste seguinte. *Por aqui.* E ele pode jurar que é capaz de ouvir uma música tocando, uma voz distante chamando-o como uma estação de rádio que precisa ser sintonizada. Segue o caminho do zumbido dos postes de luz, cada vez mais rápido, apesar de a muleta dificultar seu avanço.

Ele entra na State Street, que o leva pela área de West Loop até os desfiladeiros de concreto da Madison Street, com seus ar-

ranha-céus dos dois lados da rua. Passa pela Skid Row, onde poderia, com dois dólares, pagar uma cama para descansar. Mas o zumbido dos postes de iluminação o levam adiante, para o Black Belt, onde clubes de jazz e cafés decadentes dão lugar a casas miseráveis, umas sobre as outras, com crianças maltrapilhas brincando na calçada e velhos que enrolam os próprios cigarros sentados nos degraus, observando-o com um olhar sinistro.

As ruas vão ficando cada vez mais estreitas e os prédios se sustentam uns nos outros, lançando sombras frias sobre as calçadas. Uma mulher começa a rir num dos apartamentos no alto, um som áspero e desagradável. Para onde quer que olhe, ele vê sinais. As janelas quebradas dos imóveis, cartazes escritos à mão nas vitrines de lojas abandonadas: “Comércio fechado”, “Fechado até segunda ordem”, um deles dizendo apenas “Sinto muito”.

Uma viscosidade salgada vem do lago junto com o vento, que atravessa a tarde desolada e se instala sob seu casaco. À medida que ele avança pelo bairro de armazéns, as pessoas vão sumindo, até desaparecerem por completo e, na ausência delas, a música cresce, suave e melancólica. Enfim ele consegue distinguir a melodia. “Somebody from Somewhere”, de George Gershwin. E a voz sussurra com urgência: *Continue em frente, Harper Curtis*.

A música o leva até os trilhos da estrada de ferro, mergulhando no West Side e chegando a um alojamento de operários indistinguível dos outros imóveis de madeira da rua, encostados uns aos outros com a pintura descascando, vitrines cobertas de tapumes e um aviso pregado nas tábuas cruzadas fixadas nas portas de entrada: “Interditado pela Prefeitura de Chicago.” Votem no presidente Hoover, homens de fé. A música vem de trás da porta do número 1.818. Um convite.

Ele enfia o braço sob as tábuas e tenta abrir a porta, mas está trancada. Harper fica parado no degrau, tomado por uma sensação de inevitabilidade. A rua está desolada e deserta. Os outros prédios foram interditados com tapumes e alguns apartamentos

se ocultam atrás de cortinas cerradas. Ele pode ouvir o trânsito a um quarteirão dali e um vendedor de amendoins. “Amendoim quentinho. Compre agora!”, mas o som parece abafado, como se atravessasse cobertores que envolvem sua cabeça. Ao passo que a música soa como um estilhaço que perfura seu crânio: *A chave*.

Ele põe a mão no bolso do casaco, temendo tê-la perdido. Sente-se aliviado ao encontrá-la. É de bronze e tem a marca Yale & Towne. Cabe dentro da fechadura. Tremendo, ele tenta girá-la. Funciona.

A porta se abre para a escuridão, e por um longo e terrível instante ele fica imóvel diante de todas as possibilidades. E então ele se agacha sob as tábuas, passa a muleta pela brecha de um jeito atrapalhado, e entra na Casa.

KIRBY  
*9 de setembro de 1980*

É um daqueles dias frios e claros, de fim de outono. As árvores parecem hesitar diante da nova estação; suas folhas têm tons de verde, amarelo e marrom ao mesmo tempo. A um quarteirão de distância, Kirby pode perceber que Rachel está doidona. Não só pelo cheiro adocicado que paira dentro de casa (muito evidente), mas pelo modo agitado com que anda pelo pátio, remexendo alguma coisa que caiu no matagal. Tokyo pula e late sem parar ao redor dela. Não era para Rachel estar em casa. Deveria estar com um de seus hóspedes, ou “uóspidi”, como Kirby dizia quando era mais nova. Tudo bem, um ano atrás.

Durante semanas, ela se perguntou se esse hóspede era seu pai, e se Rachel estava se preparando para apresentá-lo, até o dia em que Gracie Tucker, na escola, lhe contou que hóspede era como as prostitutas chamavam os clientes, e que era isso que sua mãe era. Ela não sabia o que era uma prostituta, mas fez o nariz de Gracie sangrar; e esta, por sua vez, arrancou-lhe um bocado de cabelo.

Rachel achou aquilo divertido, embora Kirby estivesse com o couro cabeludo vermelho por causa do puxão. Ela não tinha intenção de rir, de verdade, “mas isso *é* muito engraçado”. Então, explicou para Kirby da maneira como sempre fazia, ou seja, não explicou coisa alguma.

— Uma prostituta é uma mulher que usa o corpo para tirar vantagem da vaidade dos homens — disse ela. — E um hóspede ajuda a revitalizar o espírito.

Mas a verdade era bem diferente daquilo. Uma prostituta faz sexo por dinheiro, e um hóspede está tirando férias da vida real, que é a última coisa de que Rachel precisa. Menos férias e mais vida real, mãe.

Ela assobia, chamando Tokyo. Cinco breves notas agudas, suficientemente distintas para diferenciá-las do modo como todo mundo chama seus cães no parque. Ele vem saltitando, feliz como só um cachorro pode ser. “Um puro vira-lata”, é assim que Rachel gosta de descrevê-lo. Ele é inquieto, tem o focinho comprido, o pelo malhado de branco e marrom bem clarinho, e anéis cor de creme em volta dos olhos. Chama-se Tokyo porque, quando crescer, Kirby vai se mudar para o Japão, tornar-se uma famosa tradutora de haicais, beber chá verde e colecionar espadas samurais. (“De qualquer maneira, é melhor do que chamá-lo de ‘Hiroshima’”, diz sua mãe.) Ela até já começou a escrever seus próprios haicais. Um é assim:

*A nave decola  
eu quero ir para longe  
estrelas esperam.*

O outro é assim:

*Ela sumiria*

*dobrada em origami  
nos próprios sonhos.*

Rachel sempre aplaude com entusiasmo quando Kirby lê um novo poema. Mas a menina desconfia de que se copiasse palavras aleatórias das embalagens de cereais sua mãe a felicitaria com a mesma animação, especialmente quando está doidona, o que é cada vez mais frequente nos últimos dias.

Ela culpa o hóspede. Ou seja lá qual for seu nome. Rachel não quer lhe dizer. Como se ela não ouvisse o carro estacionar na porta às três da manhã, ou as conversas sussurradas, ininteligíveis porém tensas, antes de a porta ser batida e sua mãe tentar entrar na ponta dos pés para não acordá-la. Como se ela não se perguntasse de onde vem o dinheiro do aluguel. Como se esse tipo de coisa já não estivesse acontecendo há *anos*.

Rachel espalhou todas as suas pinturas, mesmo aquela grande de Lady Shalott em sua torre (a preferida de Kirby, ainda que ela não admita), que normalmente fica guardada no armário com as vassouras e as outras telas que sua mãe começa, mas nunca consegue terminar.

— Vamos fazer um bazar? — pergunta Kirby, embora saiba que vai irritar Rachel.

— Ah, meu amor...

Sua mãe lhe dirige aquele meio-sorriso que costuma dar quando está decepcionada com Kirby, e parece ser este o caso o tempo todo, nos últimos dias. Em geral, quando ela diz certas coisas, Rachel insiste que não são para sua idade. “Você está perdendo seu encantamento infantil”, ela comentou duas semanas antes, com uma severidade na voz que dava a entender que aquela era a pior coisa do mundo.

Estranhamente, quando Kirby se mete em encrencas de verdade, Rachel parece não se importar. Se, por exemplo, arruma uma briga na escola ou põe fogo na caixa de correio do Sr. Partridge

para se vingar por ele ter se queixado de Tokyo, que desenterrou suas flores. Nessas horas, Rachel a repreende, mas Kirby sente que ela está satisfeita. Sua mãe chega a simular um escândalo, ambas gritando uma com a outra, alto o bastante para que o fariseu fofoqueiro da casa ao lado as ouça através das paredes. Sua mãe berra “Você não entende que é um crime federal interferir no serviço postal dos Estados Unidos?”, antes de começarem a rir, tentando sufocar as gargalhadas com a mão na boca.

Rachel aponta para uma pintura em miniatura posicionada, justamente, entre os pés descalços. Suas unhas estão pintadas com uma cor laranja berrante que não lhe cai bem.

— Você acha este aqui muito *violento*? — pergunta Rachel. — Ficou vermelho demais, não?

Kirby não entende o que a mãe quer dizer. Ela se esforça para distinguir as pinturas de Rachel. São todas de mulheres pálidas com longos cabelos esvoaçantes, olhos salientes e pesarosos, grandes demais para a cabeça, em paisagens turvas onde predominam os verdes, os azuis e os tons de cinza. De vermelho não têm nada. A arte de Rachel a faz pensar no que lhe disse seu professor de ginástica, quando ela não conseguia subir no aparelho do cavalo com alças. “Pelo amor de Deus, pare de se esforçar tanto!”

Kirby hesita, incerta sobre o que dizer no caso de ela se aborrecer.

— Acho que está bom assim.

— Ah, mas “bom” não quer dizer nada! — exclama Rachel, agarrando as mãos de Kirby e a puxando para dançar um foxtrote sobre as pinturas. — Bom é a exata definição da mediocridade. É algo gentil. Socialmente aceitável. Precisamos viver com mais brilho e profundidade, sem nos contentarmos com o que é *bom*, querida!

Kirby se livra de suas mãos e fica olhando para aquelas moças tristes tão lindas, com seus membros raquíticos como os de um louva-a-deus.

— Hum... — diz Kirby. — Você quer ajuda para guardar as pinturas?

— Oh, querida...

Sua mãe lhe diz isso com tanta piedade e desdém que Kirby não consegue suportar. Ela corre para dentro, sobe os degraus da entrada, esquecendo-se de lhe contar sobre o homem de cabelo grisalho, calça jeans bem acima da cintura e um nariz torto de boxeador, que estava à sombra do plátano, perto do posto de gasolina Mason, bebendo Coca-Cola numa garrafa com canudo e a observando. O jeito como ele olhava para ela provocou-lhe um frio na barriga, como se estivesse numa montanha-russa, a impressão de que alguém está arrancando suas tripas.

Quando ela acenou vigorosamente, alegre demais, para ele, *Ei, senhor, estou vendo que está olhando para mim, seu bobão*, ele acenou em resposta. E ficou com a mão no alto (era de dar arrepios) até ela dobrar a esquina da Ridgeland Street, evitando seu atalho habitual pelo beco e correndo para sair do alcance de seus olhos.

Chicago, 1931. Harper Curtis, um andarilho violento, invade uma casa abandonada que esconde um segredo tão chocante quanto improvável: quem entra ali é transportado no tempo. Instigado por um comando que parece vir da própria casa, Harper persegue as “meninas iluminadas” – garotas cuidadosamente escolhidas em diferentes décadas – com o objetivo de matá-las. Voltando no tempo após cada assassinato, seus crimes são perfeitos e impossíveis de serem rastreados. Ou pelo menos é o que ele pensa.

Chicago, 1992. Kirby Mazrachi viu sua vida ser destroçada após um ataque brutal que por pouco não a levou à morte. Incapaz de esquecer tal acontecimento, Kirby investe seus esforços em encontrar o homem que tentou assassiná-la. Seu único aliado é Dan, um ex-repórter policial que cobriu seu caso e agora aparentemente está apaixonado por ela. À medida que a investigação de Kirby avança, ela descobre outros casos semelhantes ao seu – e garotas que não tiveram a mesma sorte que ela – ligados por evidências que parecem impossíveis. Mas, para alguém que deveria estar morto, impossível não significa que não tenha acontecido.

**SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/379/>